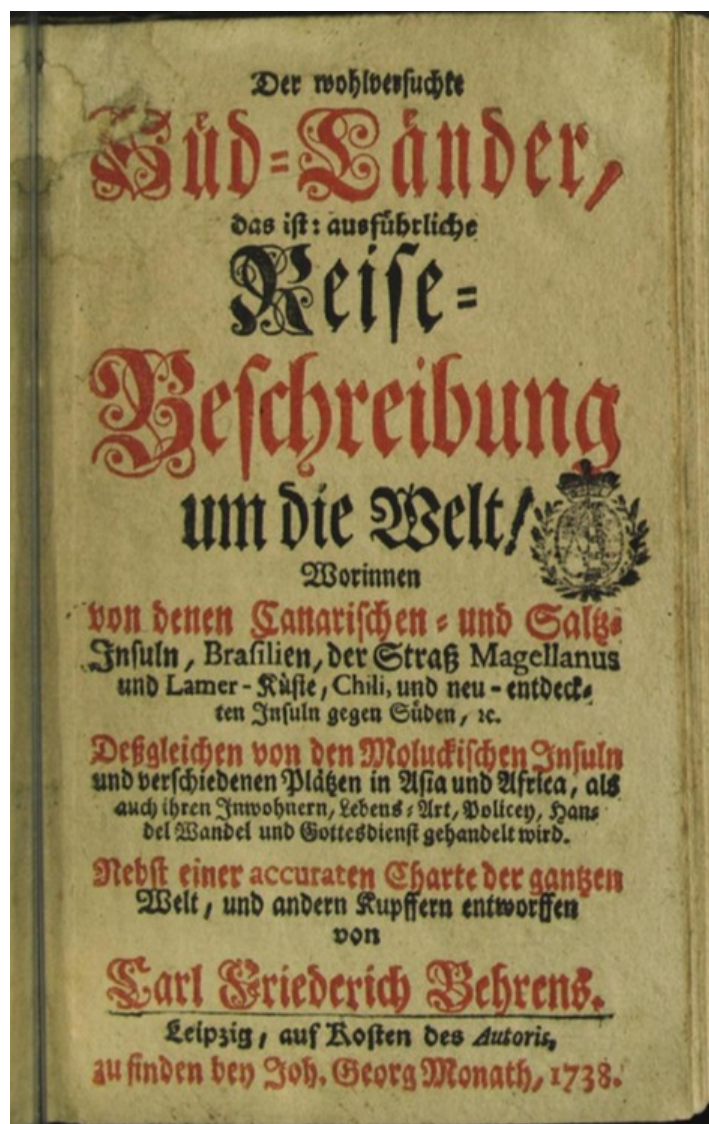




Carl Friedrich Behrens, foi o primeiro europeu a por os pés na Ilha da Páscoa, assim ficou conhecido o jovem alemão de 21 anos. Em julho de 1721 Behrens partiu de Amsterdam com uma expedição de reconhecimento do Pacífico, organizado pela Companhia Ocidental das Índias. Das Ilhas Canárias chega ao Brasil, mais precisamente na Vila de São Sebastião, no final de outubro de 1721. Estes dois capítulos de seu livro nos contam este episódio da viagem. Behrens foi também o primeiro alemão a dar a volta ao mundo como “turista”. Seu livro foi editado em Leipzig, em 1735 e por conta do sucesso recebeu uma segunda edição dois anos depois, além de ser traduzido para o francês. Este exemplar é datado de 1738.



Der Wohlversuchte
Süd-Länder,
esta é: a detalhada
descrição da
viagem
de volta ao mundo ...

Anexo um Mapa Mundi preciso
e outras ilustrações criadas por
Carl Friedrich Behrens
Leipzig, edição paga pelo autor
a venda por Joh. Georg Monath, 1738

A IV. Parte Sobre nosso Incidente em São Sebastião

Assim que chegamos em Porto¹, a primeira coisa que fizemos foi ir à praia, ver se encontrávamos alguma

B3

[pág. 22]

alguma pessoa, que pudesse nos indicar um lugar tranquilo para procurar mantimentos. Fomos também com nossa chalupa à terra para sepultar um morto. Nesta tarefa, vimos, sem levantar qualquer suspeita, um grupo de portugueses armados vindo em nossa direção. Por meio de gestos ele nos fizeram entender, que deveríamos ficar afastados da terra firme, caso contrário atirariam em nós. Em resposta, mostramos a eles o morto que tínhamos conosco e queríamos sepultar; no que nos deixaram ficar em terra e nos mostraram um local onde pudemos enterrar o falecido de maneira rápida. Perguntamos a eles como se chamava o local, no que recebemos a resposta de que se chamava Porto e era um ante-porto de São Sebastião, mas que não estava nos mapas náuticos. Nós perguntamos ainda, se eles moravam ali, eles responderam que eram cidadãos do Rio de Janeiro, que ficava por volta de 8 milhas distante dali. Nós pedimos a eles, se gostariam de vir conosco até o nosso navio, o que eles não quiseram, porque achavam que éramos piratas, o mesmo tipo de gente que por estas terras costumam andar, para buscarem mantimento, água e madeira. Como há 5 ou 6 meses, quando nesta mesma região um navio francês afundou a tiros um navio de piratas, o qual

[pág. 23]

o qual fez um saque de mais de 7 milhões, e o mesmo desceu até 13 braças. E agora, para tirar este tesouro da água, vieram de Portugal mergulhadores², que deveriam resgatar o rico saque do fundo do mar, estes tentaram sua sorte não só aqui, mas também em *Catrien* [sic], onde também o fundo foi cavado. Este último foi mais fundo do que o do Porto. Como pensamos, eles também achavam que éramos este tipo de visitantes. Finalmente dois foram conosco até nosso navio; logo que deixamos a terra, estas pessoas fizeram algo horrível no túmulo! Eu atirei, nós presumimos, que eles iriam queimar o nosso morto, porque para eles, os holandeses são tão ruins quanto os turcos. Presenteamos os 2 portugueses com roupas e outras coisas, para ganharmos sua simpatia, para que eles nos levassem até um porto tranquilo; o que eles finalmente resolveram fazer.

O porto de Porto tem bom ancoradouro, com cerca de 6 ou 8 braças até o fundo de areia, é muito mais uma costeira, porque nós velejamos até o outro lado e saímos novamente. Se entra S. O., assim ficando a costa firme à direita, e uma grande ilha a esquerda, toda a costa, pela qual passamos, é rodeada por morros altos, lindos vales, arbustos e madeira, como o é aqui também é no Porto onde

B4

[pág. 24]

onde nada destas coisas falta, mas aqui não mora ninguém. Pescamos aqui ótimos peixes e tartarugas boas para consumo, que eram realmente de bom sabor e que foram de bom proveito para os nosso doentes. Dentre os quais eram mais de 40 homens, que caíram doentes de escorbuto. Depois que ficamos aqui 2 dias e nos abastecemos de um pouco de água fresca e madeira, levantamos nossa âncora e seguimos navegando para SO. SO. _O. milhas por várias ilhas, até a

1 Porto Novo, hoje, um bairro da cidade de Caraguatatuba

2 „Ducker“, pl „Dücker“ - Plattdeutsch

costa da cidade da própria São Sebastião ali mesmo na entrada da costa, caiu uma tempestade tão forte que quase nosso barco foi lançado aos rochedos, precisamos por isso lançar âncora, e esperar até que tivéssemos de novo maré alta, e que a tempestade seguisse seu rumo. Na outra manhã lançamos velas e chegamos finalmente a ancorar na cidade de São Sebastião, imediatamente saudamos os moradores com 7, 5 e 3 tiros, mas eles não nos agradeceram, se não tinham canhões aptos para isso, ou se não estavam felizes por nos ver, não pudemos saber. Como era certo, que da mesma forma, eles pensaram que éramos piratas, mesmo tendo uma bandeira holandesa. Nosso Almirante escreveu imediatamente uma carta ao governador local, e pediu a ele, que nos enviasse mediante pagamento mantimentos e gado, ervas, frutas

[pág. 25]

frutas, água e lenha, como também nos indicasse algumas casas para nossos doentes, recebemos como resposta, que não teria para isso ordens, que teríamos que primeiro nos apresentar ao governador do Rio de Gineno [sic], que era seu superior, o que recebesse de ordens deste ele depois deveria e gostaria de se orientar. O Almirante não ficou satisfeito com esta resposta, mas mandou dizer a ele mais uma vez, que no caso de não quererem lhe dar nenhum mantimentos de boa vontade ele os iriam conseguir de outra forma. Também havia lá um convento de franciscanos para onde o Almirante enviou alguém com alguns presentes, e informou aos seus padres sobre nossa chegada como também nossas necessidades e a resolução do governador, lá se descobriu, que o Prior deste convento era um holandês, nascido na principado de Utrecht, de nome Thomas, que com muita alegria veio a ter conosco em nosso barco, com muitos outros patrícios, e se alegrou muito, por ainda ter visto seus compatriotas antes de sua morte; como ele mesmo disse, poderia morrer feliz e satisfeito, já que há 22 anos não tinha visto nenhum holandês. Nós tratamos o senhor padre de acordo com nossas capacidades com o melhor, e fornecemos a ele várias coisas, que estava precisando em seu con-

B5

[pág. 26]

convento. Ao mesmo tempo também reclamamos, que o governador não nos quis ajudar em nada, e nós seríamos então obrigados a tentar com armas, sobre o que o padre Thomas prometeu tentar mudar a opinião do governador pertinaz. Nós teríamos ainda de ter paciência por alguns dias, até que neste tempo também retornasse o *Expresse* do Rio de Janeiro, eles, os senhores padres, quiseram neste meio tempo oferecer do convento o que era mais necessário para a mesa do almirante; Assim nos despedimos uns dos outros com muitos agradecimentos. Enquanto isso os portugueses se postaram na praia, principalmente naqueles lugares, onde eles achavam, que o nosso barco iria à terra em busca de água e madeira. Eles também atiraram sem ordem em direção ao nosso barco, do qual um homem foi atingido no ombro. Então também atiramos neles do barco, o que custou a vida de 2 portugueses. Logo depois eles se retiraram, e nós fomos à terra, e buscamos água à força.

Quando o nosso barco voltou e contou sobre a situação, como aconteceram tais escaramuças, assim nos preparamos para fazer um ataque. Nossos navios mudaram de posição, o *hucker*³ ou o menor navio na frente da cidade, porque lá o fundo não era muito claro; Teinhoven estava para manter a praia livre

[pág. 27]

livre, e nós a frente do convento nos arredores da cidade, no propósito de em primeiro lugar atirar e incendiar o convento, e quando em terra, nos apoderaríamos do que achássemos, apesar de que nós não estávamos falando realmente sério, porque nós tínhamos medo de que Holanda e Portugal, por conta deste acontecido, poderiam cair em uma grande disputa e até em uma guerra. Como eles viram a nossa preparação, o vice-governador, que por sua vez era um capitão, veio até nós no barco,

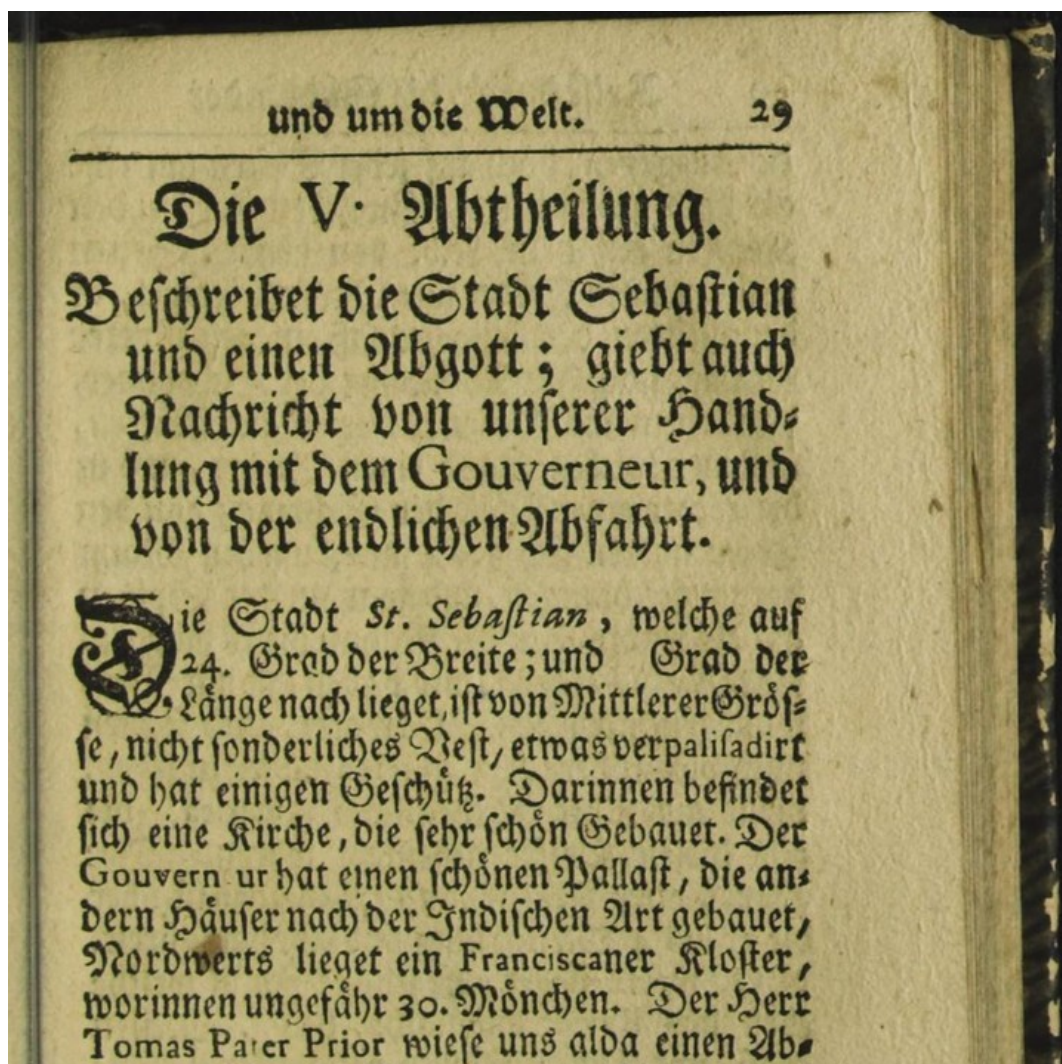
3 Hucker: Barco largo e „raso“, com dois mastros.

na intenção resolveras coisas, ele também nos prometeu nos entregar em alguns dias abastecimento, e também a água e a madeira da qual necessitássemos: nosso almirante apenas exigiu que nossos doentes fossem colocados em casas, e para nós, conseguir tantos animais, ervas e água e madeira quanto precisássemos, como também ele exigiu desculpas, porque eles atiraram em nossa gente. Nós em contrapartida nos oferecemos a pagar por tudo que quisermos receber, com nossas mercadorias europeias. Eles não confiavam em nós, e achavam sim, que iríamos fazer, como uns barcos franceses, que quiseram fazer o pagamento a bala; esta não era realmente a nossa intenção, o que eles depois da nossa retirada viram muito bem. Neste meio tempo depois de muito ir e vir

[pág. 28]

vir enviaram as coisas que acordamos, e nossos doentes foram para casas na ilha defronte a terra firme, que também se chama Ilha de Sebastião, como também gado, carneiros e todos os tipos de ervas e mais o que houver na terra, o tempo quanto ficássemos aqui. Nossos doentes melhoraram a cada dia, e os saudáveis se divertiam pela terra, compravam dos portugueses tabaco, açúcar, destilados, e eles em contrapartida compravam de nós o que tínhamos, apesar de ter sido proibido pelo governador; nos tornamos bons amigos, de tal modo, que os habitantes em nossa partida, se despediram de nós chorando, e disseram, que eles não imaginavam, que os holandeses fossem tão boas pessoas, e os franceses seus irmãos de fé, ao contrário, lhes causaram tanto sofrimento, e foi por isso que na nossa chegada esconderam todas as suas mercadorias, por medo de serem saqueados, cujo receio, como eles mesmo experimentaram foi sem motivo algum.

A



[pág. 29]

A V. Parte.

Descreve a cidade de São Sebastião e um ídolo; dá também notícias de nosso acordo com o governador, e finalmente nossa partida.

A cidade de São Sebastião, que fica a 24 graus latitude e __ graus de longitude, é de tamanho médio, é pouco fortificada, cercada por paliçadas e tem suas próprias armas. Ali dentro se encontra uma igreja, uma bela construção. O governador tem um belo palácio, as outras casas são construídas no estilo dos índios. Em direção norte existe um convento de franciscanos, lá dentro moram por volta de 30 monges. O Senhor Padre Prior Tomas nos mostrou um ídolo, o qual era reverenciado pelos habitantes⁴ e foi guardado lá como lembrança. Sua aparência era metade tigre e metade loro⁵, tinha 4 pés de comprimento e um meio pé de altura, que deveria ser do melhor ouro, nós presumimos, que ele era apenas folheado a ouro; seus pés na frente eram como garras de leão, e a cabeça era adornada de uma coroa dupla; da coroa saiam 12 flechas do tipo dos

[pág. 30]

dos papagaios⁶, de cada lado havia uma como que quebrada pela metade. Entre as duas cabeças em cima do corpo saiam duas asas de cada lado como asas de cegonhas, no meio do ídolo esta sentado um homem armado, uma figura de um habitante, tinha nas costas uma aljava de flechas, na sua mão esquerda um arco e na direita uma flecha o rabo do bicho se enroscava umas 3 ou 4 vezes em volta do homem e a sua ponta era como um *Lindwurm*⁷; o nome deste ídolo seria *Nafil Lichma*, nós os fitamos maravilhados. Ali também havia ainda muitas outras antiguidades para ver, parte vindas da Europa, parte da América, todas foram santificadas⁸ pelo convento. O porto ou costeira de São Sebastião tem cerca de 2 a 4 milhas de comprimento e meia milha de largura. No sentido NE. fica uma bela ilha, a qual completa a costeira, algumas Milhas de tamanho, cercada de pequenas ilhas. A grande ilha também se chama São Sebastião além disso o Brasil é uma terra grande e rica, dizem que o rei de Portugal por conta da grande quantidade de ouro, extrai aqui mais riquezas, do que o Rei da Espanha extrai de toda a América. A razão é que enquanto o rei da Espanha apenas recebe um décimo de todas as minas de ouro e prata, o rei de Por-

[pág. 31]

Portugal, ao contrário, tem para si tudo o que vem das minas de ouro. As terras do Brasil se estendem em direção ao Norte, Leste e Sul. Em direção à linha do meio dia⁹ divisa com o Rio de *Laplato* [sic], as cidades mais ricas e importantes no Brasil São Salvador a capital do *Siará* [sic], Olinda [sic], *Reiff* [sic], *Seregipidel* [sic], Rey, Rio de Janeiro e São *Vincontes* [sic], elas em partes estão bem a oeste, e são bem fortificadas, e guarnecidas com bons portos; *Petro Alvarno* [sic] foi quem descobriu as terras no ano de 1_01. Porque ele foi levado por acaso até ali. Os rios desta terra são, *Mananhau* [sic], *Tapicuau* [sic], *Mangnodalius Bopa* [sic], São Francisco e Janeiro; Os habitantes destas terra foram esses devoradores de gente, e vendiam carne humana como se tem o costume de vender aqui nos mercados de carne a carne de gado. Mas, porque foram os cristão que tomaram posse desta terra isto não acontece mais; apesar de que ainda se acredita que aqui ou lá é possível achar alguma. Os habitantes são grosseiros, de cor negra, e de baixa¹⁰ estatura, têm os

4 Behrens não diferencia indígenas de colonos, chama os dois de „Einwohner“, decidi manter esta indistinção.

5 Papagaio Apesar de em alguns momentos ele usar o termo „indígena“

6 Não encontrei a tradução, algo vinculado com as penas das flechas dos índios. O termo „Affageyen“ aparece em outros dois textos holandeses da época. Decidi por „papagaios“, em menção às penas.

7 Figura mitológica da Europa Central e Escandinávia. Uma criatura entre dragão e serpente.

8 „Purificação“, hoje mais para pessoas.

9 Meridiano

10 No original „unterseßig“, termo encontrado em outros livros dos séculos 18 e 19 referentes as crianças pequenas e tb descrição de naturais da América Inglesa. Não consegui encontrar a palavra fora destes exemplo. Decidi por uma tradução livre.

lábios grossos têm o nariz quebrado e achatado, e os cabelos crespos ou como de cabra, os dentes sem forma, mas brancos, os segundos habitantes ou brasileiros são os portugueses, nascido ali ou os que diariamente lá se assentam. Estes habitantes se alimentam por completo das frutas da terra, como limão

[pág. 32]

limão, limão siciliano, *Ercelchina* [sic], *Pommeranceu* [sic], *Pissang* [sic] ou figo, coco, ananás e outros mais, também de plantas, muito açúcar e tabaco nas terras, e muito pau de tintura. Há algum tempo acharam aqui uma mina de diamante, a qual eles ainda não possuem totalmente. Para conseguir isto, são obrigados a entrar em guerra contra os nativos. Alguns de nós também tentaram ir junto, para conseguirem parte deste tesouro nisto 9 homens fugiram de nós. Se essas pessoas esquecidas de seu juramento e suas obrigações indo atrás disso iriam melhorar, não posso saber, porque depois disso não pude conversar com nenhuma destas pessoas. O que é sabido, e que agora vêm diamantes realmente lindos de Portugal, o que deu um grande avanço nas suas jóias orientais. Estes diamantes brasileiros ou recém achados, se encontram num terra avermelhada, embaixo de um pouco de ouro, o qual com a lavagem destas minas se pode encontrar nas regiões próxima.

A terra também está repleta de todos os tipos de pássaros, peixes e animais, tanto mansos como selvagens. Entre estes selvagens está o tigre, que causa um grande dano, ao contrário o elefante se tem por conta dos dentes melhores trombas [sic], sem falar de outros bichos como

[pág. 33]

como cobras e bestas, que vivem na floresta. A religião que eles aqui praticam é como a de Portugal, no que se refere aos habitante que moram fundo dentro da terra, este possuem vários tipos de ídolos. Eles não se deixam dominar pelos portugueses e se eles podem apanhar um português, este serve como comida. Aqui o ar também é muito bom, apesar de em certas épocas dever ser quente demais: A terra é em certos lugares tão alta, que as pontas das montanhas atravessam as nuvens. Os ventos, que sopram nestas costas, são ventos da terra e do mar, mas os últimos são mais frequentes que os primeiros, que fazem a terra muito fecunda, e o ar saudável: Aqui eu realmente me fortaleci; nossos doentes melhoram dia após dia. Os habitantes devem desconfiar de nós, porque a noite põem-se sempre em guarda reforçada, e logo que acontecia o mínimo movimento, a praia ficava protegida e todos completamente armados; alguns também se meteram com a mulheres indígenas, sobre o que foi reclamado e por isso ele foram castigado conforme seu crime, e não foram mais permitidos descer em terra. Havia aqui uma quantidade insuportável de mosquitos e moscas, que picaram alguns dos nossos ho-

[pág.34]

homens de maneira tal, que as mão e os pés, e também a cabeça e o rosto incharam completamente. Um timoneiro de um de nossos navios, chamado Steven, uma vez bebeu demais *Kehl-Teuffel* ou o destilado dos índios, como eles fazem do açúcar, e depois se deitou e dormiu, com fizeram os índios, os mosquitos o picaram de um jeito que quase lhe custou a vida, não só mãos e pés e a cabeça estavam tão inchadas, que ele nem parecia um ser humano, a garganta também estava tão fechada que não conseguia beber nenhuma gota de água; mas finalmente com muito trabalho ele se refez. Nós pegamos aqui diariamente belos peixes e todos os tipos, também muitas tartarugas, que são muito saborosas.

Depois que passamos algum tempo ali, os nossos navios foram um pouco consertados, também nossos doentes se restabeleceram; nos preparamos para continuar a viagem: Neste momento veio um barco do Rio e Janeiro; se ele queria nos vigiar, ou se no fim ele viria de qualquer forma, não pudemos saber. É verdade que o governador nos ameaçou, que 5 ou 6 navios de guerra viriam do Rio de janeiro, e que eles iriam nos mostrar o caminho. Ele tinha interrogado os nossos desertores, que

[pág. 35]

que nossa intenção estava voltada para descoberta de novas terras austrais¹¹, o que para ele não era nada correto. Porque nós sempre dissemos que éramos navios de comércio, que queríamos negociar na costa do Chile e do Peru com os espanhóis. Como ele sabia, o quanto éramos fortes, pode ser, que estava esperando ser atacado. Mas tudo foi tranquilo. Antes da nossa partida, exigimos os nossos desertores, mas foi em vão. Nós os deixamos ficar para trás, porque não queríamos exigir com violência; pagamos com mercadorias europeias ao senhor governador o abastecimento que nos entregou, como espingardas, chapeús, meias de seda, linho, aquavita destilada, manteiga, bacalhau, e ainda lhe demos um presente à parte; por isso ele nos presenteou com alguns pedaços de carne de boi. Desta forma ele, assim como os habitantes, ficaram bem satisfeitos conosco, e pensaram bem diferente do que eles desconfiavam. Dalí fomos em nome de Deus de novo para o mar, antes de chegarmos em alto mar, deixamos nosso preso, o acima mencionado rapaz¹², numa ilha cerca de 3 milhas longe da cidade, e marcamos nosso curso para S.O. na direção de Aukes Magdeland [sic].

11 O Oceano Pacífico

12 No original: „obgedachten Junge“. Encontrei o termo em outros textos do século VXIII, mas não seu significado direto, por isso decidi por uma tradução livre.